

1. A museologia é uma consequência da existência dos museus ou ela os precede e determina o seu futuro?

Examinando o conteúdo da literatura museológica contemporânea, constatamos que ele “depende” inteiramente dos museus. Alguns defendem que a museologia deve se desenvolver como uma teoria que contribui para o domínio da prática. Parece que a museologia nasce do museu, de seu trabalho. Assim, a defesa de que a teoria devia programar o desenvolvimento da prática também se apresenta como uma mera consequência lógica de tal abordagem. Evidentemente, se a teoria deve determinar a prática, então a primeira deve estar à frente da segunda. Mas a museologia não nasceu dessa mesma prática que ela deve antecipar?

Por ora, nós dedicamos muito pouca atenção para o desenvolvimento dessa abordagem teórica, em suma, para a história da museologia. Soichiro Tsuruta tratou desse importante ponto no MuWoP (n. 1, de 1980), e tentou delimitar as suas fases particulares. Wilhelm D. Ennenbach também fez muitos comentários em artigos sobre o tema² e eu mesmo tentei realizar um questionário sobre esse desenvolvimento no estudo de textos da Universidade Jan-Evangelista-Purkyně³, bem como na proposta de reedição desses trabalhos, sob o título de *Fundamenta Museologica*, que eu apresentei na Conferência Geral do ICOM, em 1976.

Por que enfatizo esse fato? O estudo da museo-teórica, isto é, pensamento museológico, nos daria evidência de que os museus modernos não apareceram do nada como cogumelos, mas que assim como os cogumelos, eles nasceram de um “micélio” do pensamento da época. Esse “micélio” foi a reflexão sobre uma certa necessidade social. Devemos mencionar por exemplo o pensamento explicitamente programático de Leibniz, de Lineu ou de Goethe. Mesmo os gabinetes do Renascimento tinham os seus promotores e teóricos: podemos mencionar ao menos Samuel A. Quiccheberg e Johannes D. Major, que até criou um nome para a nova teoria: *tactica conclavium*. É desse modo poderíamos ir cada vez mais longe em direção ao passado.

O que podemos deduzir de tudo isso? A atividade humana é inseparável ao pensamento e, por isso, antes de criar qualquer coisa, temos que perceber o que queremos criar, como queremos criar e qual é o sentido da criação. De outro modo não faríamos nada, considerando a natural tendência à preguiça. Os animais têm uma vantagem, porque eles possuem um código genético que estimula, de antemão, a criação de seusinhos. É possível que o museu estivesse incluído em nosso código genético?

1 Publicado originalmente em *ICOFOM Study Series*, 12, 1987, pp. 287-292. Traduzido por Bruno Brulon a partir das versões em inglês e francês.

2 *Muzeologické sesity VI/1976*, *Neue Museumkunde*, n.6 1966, n.2 1981, n. 4 1982.

3 *Introduction to Museology – Uvod do muzeologie*, Brno 1972; *Introduction to the Study of Museology – Uvod do studia muzeologie*, Brno, 1980.

Podemos, então, concluir: a teoria do museu como uma teoria determinante está estritamente ligada à prática museal, e por esta razão esta última é precedida pela primeira, que a penetra e, ao mesmo tempo, a ultrapassa. O exercício a que nos propomos não é apenas o de perceber tal fato, mas também o de descobrir em que nível ele alcança as diferentes fases da evolução humana.

2. São os museus o objeto da museologia ou o meio para se realizar a abordagem museológica da realidade?

Nós somos obcecados pela ideia de que o objeto da museologia é o museu. A dificuldade de nos desvencilharmos dessa perspectiva se justifica por nos parecer este o ponto de vista mais natural: não apenas ele pode ser deduzido do termo museo-logia, como também é a realidade tangível dos museus que se apresenta diante dos nossos olhos. Eu critiquei essa abordagem do ponto de vista gnosiológico no primeiro seminário museológico em Brno em 1965⁴ onde expliquei igualmente que o objeto da museologia não pode ser o museu. Essa argumentação é aceita hoje por muitos teóricos que chegaram por suas próprias vias a esta mesma descoberta.

Onde está o nó do problema? O museu é alguma coisa de material, em síntese, um elemento objetivo da realidade. É uma coisa criada pelo homem. E como todo produto humano, ele é criado com uma certa finalidade e para satisfazer algumas necessidades sociais. Não se trata de algo que sempre existiu, que nos teria sido ofertado por um Deus em recompensa de um bom comportamento. O museu não nasce sozinho. Supondo que a museologia estivesse volta-da apenas para uma matéria – o museu – então, decorre desta suposição que o homem poderia criar museus e desenvolver atividades museais por natureza, ao mesmo tempo em que desenvolve um pensamento teórico sobre sua atividade. Nesta perspectiva, a atividade espontânea deveria certamente desempenhar um papel importante, por ser ela um reflexo imediato de necessidades humanas.

Teríamos, então, de um lado a atividade humana produzindo objetos – museus – e garantindo seu funcionamento; do outro a museologia a supervisionando, criticando-a e modificando-a de um modo ou de outro. Esta não é uma ideia especulativa: muitos teóricos acreditam no papel “mentor” ou “ditador” disso que é devidamente chamado de museologia (deixemos a denominação dos opositores a cargo de sua própria imaginação). Se desejamos que a museologia entre em relação criativa com a prática museal, o objeto da museologia deve ser aquilo que provoca a necessidade da existência dos museus e de tudo o que encontra a sua materialização nos museus, isto é, o processo do qual os museus são a expressão.

Como eu vejo nos museus um modo específico de se apropriar da realidade não somente como tal, mas do ponto de vista axiológico do homem, das nações, da sociedade e de toda a humanidade, eu acredito que o objeto da museologia como ciência é justamente essa relação específica para com a realidade. O que determina a existência mesma dos museus é a capacidade de distinguir o museal do não-museal. Na minha opinião, é justamente a descoberta do caráter museal das coisas (que eu chamo de “musealidade”) que deve estar no centro da intenção gnosiológica da museologia. É o que atribui à museologia a sua tarefa específica como conhecimento científico por meio da qual ela se distingue dos outros domínios científicos e que determina o seu lugar no sistema das ciências.

⁴ Predmet muzeologie. In: *Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia*. Brno: museu da Morávia, 1965. p. 30-33.

Com esta afirmação, entretanto, eu não excluo o museu da museologia como muitos o fazem por incompreensão. Mas o museu não é a finalidade, mas o meio. Eu concebo, assim, o museu, no quadro do sistema museológico, como uma das formas possíveis da realização da abordagem específica do homem em relação à realidade.

3. A museologia compreende os museus e é, ela mesma, o seu fruto ou ela os ultrapassa justamente pelos seus objetivos?

Como eu expliquei acima, o museu deve estar compreendido no sistema da museologia. Ao mesmo tempo, nós devemos então estar conscientes do fato de que o museu contemporâneo, como o conhecemos em todas as suas formas museais, não-museais e até mesmo anti-museais, é apenas uma das possibilidades de materializar a relação específica do homem com a realidade, uma possibilidade por meio da qual nós satisfazemos essa nossa necessidade específica. Ele é, certamente, uma possibilidade à qual alcançamos durante o nosso desenvolvimento histórico.

Muitos historiadores do museu compartilham a opinião de que os museus se desenvolveram apenas durante os séculos XVIII e XIX, isto é, que eles são exclusivamente instituições modernas. Essa opinião é uma consequência do mal entendido sobre o objeto da museologia e da história da museologia. A história dá evidências – como demonstrado nos trabalhos de Murray, Klemm, Wittlin, Bazin e outros – de que a instituição museu apresenta predecessores, sejam eles gabinetes de curiosidades, tesouros de igrejas ou tesouros antigos. Por este motivo não podemos nos restringir apenas à existência do museu contemporâneo. Todas as novas tendências (geralmente muito descentralizadas) que podemos encontrar hoje mostram que a forma presente não é permanente, que ela está e sempre estará em constante mudança.

Como uma consequência desse fato, a museologia está ligada ao museu, por sua orientação gnosiológica, e o ultrapassa como uma instituição, ou seja, a sua esfera deve ser muito mais ampla, tanto historicamente quanto considerando o ponto de vista do presente ou do futuro. Apenas nessas circunstâncias o conhecimento museológico pode ser útil para a própria existência dos museus e para o seu futuro. Se a museologia estivesse estritamente ligada aos museus apenas, ela não poderia presumir os fatos trazidos pelo desenvolvimento da ciência, da técnica, da cultura e da sociedade como um todo. Apenas como um olhar alargado é possível garantir que a museologia pode criar uma base sólida, dinâmica e realmente progressiva para o trabalho em museus.

Isso não quer dizer que a museologia deve lidar com qualquer coisa exceto o museu. É evidente que os seus esforços devem estar focados em formar e dirigir o trabalho em museus. Na minha opinião, deveríamos “museologizar” o trabalho em museus, isto é, fazer do trabalho em museus diretamente dependente dos esforços museológicos. Ao mesmo tempo, devemos estar conscientes do fato de que a museologia sozinha não pode resolver todos os problemas gnosiológicos e técnicos ligados à atividade museal. De todo modo, a museologia não é capaz nem se propõe a competir com o impacto gnosiológico de outros ramos científicos que envolvem desde a geologia, por exemplo, à história mais recente. Ademais, a museologia não pode ser substituída pelo conhecimento acerca do trabalho da instituição, tal qual a organização, a direção e a aplicação técnica. A museologia deve fazer bom uso do impacto de todos esses ramos científicos e técnicos, avaliando até mesmo a funcionalidade de sua

aplicação, de modo que sua exploração pudesse trazer benefícios reais para o museu e não apenas para os próprios ramos de conhecimento, o que temos infelizmente testemunhado com frequência.

Então, se por um lado a museologia, ainda que incluindo nela mesma a esfera museal, se expande consideravelmente para além do museu, por outro, ela não se pauta na possibilidade de recobrir sozinha todos os aspectos do museu e do trabalho em museus. Tudo isso, entretanto, não diminui a sua grande importância no conjunto dessas atividades.

4. Existem museus sem museologia, e uma museologia sem museus?

Os museus não poderiam existir sem uma dada intenção humana ou sem um programa. Essa intenção alcançou diferentes níveis devido à avaliação social dessas atividades bem como aos padrões de pensamento de cada época. Do ponto de vista científico atual, os pensamentos de Mayor ou de Nickellius, por exemplo, certamente não seriam considerados museológicos no sentido correto da palavra, mas no contexto da ciência e do pensamento científico da época, podemos admitir que eles apresentam valor incontestável.

Hoje, o argumento de que a museologia devia se tornar um ramo do conhecimento independente no sistema contemporâneo das ciências nos fornece a evidência clara de que estamos percebendo o fato de que a existência dos museus não pode ser direcionada por mero pragmatismo⁵ ou pelo pensamento empírico que veio controlando a prática museal até agora.

Atualmente, toda a humanidade luta para dominar a realidade natural e social contemporâneas, como único meio de avançar e talvez a única esperança de sobrevivência. Nossos esforços para lidar gnosiologicamente com a realidade museal são, em certa medida, um reflexo dessa situação. Contudo, podemos ter êxito apenas se conseguirmos ter o pensamento influenciando de maneira decisiva a existência mesma dos museus, até um nível que corresponda com o estágio atual de nosso desenvolvimento.

Essa não é apenas uma garantia de novos avanços para os museus; mas, antes de tudo, a única esperança para sua existência. É por isso que eu gostaria de concluir apontando que os museus contemporâneos, assim como as suas formas futuras que virão a existir mais tarde, não podem ascender e existir sem a museologia como ciência, do mesmo modo que formas históricas anteriores de museus não poderiam ter existido sem a reflexão por meio de algum tipo de pensamento. Entretanto, a museologia em si mesma não pode existir também sem a sua realização – isto é, sem os museus – porque qualquer teoria sem a prática está fadada a alcançar um beco sem saída, a perder o seu sentido e conseqüentemente a sua missão social.

Hoje, a museologia ganha uma oportunidade para comprovar o seu papel único na história.

5 O autor usa o termo “practicismo” (“*practicism*” em inglês) com sentido mais pejorativo do que “pragmatismo”, que decidimos adotar nesta tradução para evitar o neologismo. (N.T.).